

A Sociedade

Na sociedade é preciso que se tenha a aparência de se viver de ambrosia e de se conhecer as preocupações nobres. O cuidado, a necessidade, a paixão não existem. Todo realismo é supprimido, como brutal. Em uma palavra o que se chama a alta sociedade dá-se momentaneamente a uma illusão lisonjeira, a do estado ethereo e a de respirar a vida mythologica. Eis porque toda a vehemencia, todo grito da natureza, todo soffrimento venalheiro, toda familiaridade reflectida, todo o signal franco de paixão chocam e detonam neste meio delicado e destroem immediatamente a obra collectiva e o palacio de nuvens, a architectura prestigiosa fruito do contentamento de todos. E' pouco mais ou menos o aspero canto do gallo que põe em fuga todos os phantasmas e apaga todos os encantamentos. As reuniões escolhidas trabalham sem o saberem em uma especie de concerto dos olhos dos ouvidos, em uma obra d'arte improvisada. Esta collaboração instinctiva e uma festa do espiri-

to e do gosto e transporta os actores para a esphera da imaginação; é ella uma forma de poesia e assim que a sociedade cultivada recompõe com relexão o idillio desaparecido e o mundo de Astrea devorado. Paradoxo ou não, em treito que esses ensaios fugitivos de reconstrução de um sonho que se procura a belleza, são lembranças confusas da idade de ouro que voltam á alma humana ou antes aspirações para a harmonia das coisas que a realidade quotidiana nos ferusa e que somente a arte nos luz entrever.

Um estudante esquisito

Num dos arrabaldes mais distantes de Moscow, vivia ha 60 annos no mesmo quarterão, o ex-estudante de philosophia da universidade da dita cidade, Stepanowitch Stabica.

Toda a fortuna deste consistia de uma pequena bibliotheca, de um chumbe, de um barrete e de um par de chinellas. No quarto, onde pelas paredes rachadas penetrava o vento, a neve e a chuva, não havia

cama, nem cadeiras, nem mesmo uma meza. Não vestia nem camiza, nem qualquer outra roupa branca. Dormia, comia, bebia, lia e escrevia sobre o assoalho.

Entrara em desintelligencia com um seu lente sobre uma questão scientifica, e desde d'ahi não abandonou durante sete annos a sua morada lugubre; entretinha-se com o mundo exterior por meio de cartas. Duas vezes por semana trazia-lhe a criada de uma familia caridosa o seu fornecimento de comidas de pão preto, sal e Kwas (cerveja azeda). Não pagava aluguel do quarto, por isso que o proprietario lhe cedera por 25 annos mesmo; porém a policia finalmente vio-se obrigada a tiral-o daquelle loco de imundicies em que permanecia o anachoreta, o filho das musas assim como de limpal-o e vestil-o-com roupas mais apropriadas ao clima frio, transportando-o para o seu paiz natal, que ha 36 annos lhe era estranho. Soube então que era herdeiro de grandes terras pertencentes a um seu fallecido tio. O estudante de philosophia tratou de logo vender os seus bens por um preço mui barato, afim de voltar para Moscow e continuar os seus estudos interrompidos.

NINNON DE LEGLOS

carancia da ruga, que jamais ouso macular-lhe a epiderme. Já passava dos 80 annos e conservava-se joven e bella, atirando sempre os pedacos da sua cortina de baptismo que rasgava a cara do Tempo, cuja folce embotava-se sobre sua encantadora physionomia, sem que nunca deixasse o menor traço. Muito verde ainda a via-se obrigado a dizer o velho rabugento, como a raposa de Lafontaine dizia das uvas. Este segredo, que a celebre e egotista senhora jamais contara a quem quer que fosse das pessoas d'aquelle epoca obscuro-o o Dr. Lecoute entre as folhas de um volume de *L'Histoire amoureuse des gaulois*, de Bussy-Rabutin, que fez parte da bibliotheca de Voltaire e actualmente propriedade exclusiva da **PARFUMERIE NINNON, MAISON LEGOS, Rue du 4-Septembre, 34 à PARIS.**

Esta casa tem-na a disposição das nossas elegantes, sob o nome de **VERITABLE EAU DE NINNON**, assim como as receitas que d'ella provém, por exemplo, o **DIAMANT DE NINNON** Po de arroz especial e refrigerante **Le Savon Crème de Ninon** especial para o rosto que limpa perfeitamente e polerme mais delicada sem astringer.

LAIT DE NINNON que dá vigor e tonicidade ao pescoço e aos hombros. Entre os productos conhecidos e apreciados da **PARFUMERIE NINNON** contam-se:

LA COULEUR BRUNOISE que faz voltar os cabellos brancos á cor natural e exist, em 12 cores.

BEVE SOULIGERNE que augmenta, engressa e bruno as patanas e os supercilios, ao mesmo tempo que dá vivacidade ao olhar.

LA PATE ET LA POUDRE MANODERMALE DE NINNON para a face, sempre brilhante da mão, etc., etc.

Devam exigir a vacilluar o comoda casa e o endereço sobre o rolisto para evitar as imitações e falsificações.

PARFUMERIE EXOTIQUE E. SENET
35, Rue du 4-Septembre, 35, PARIS

MÃO DE PAPA de duque, de príncipe, por meio da **Pâte des Prêlats**, que embranquece, alisa, astringe a epiderme, impede e destrúe as freiras e as radulas.

UM NARIZ PICADO de paguemas barbilhas ou com cravos torna a recuperar sua branura primitiva e suas côres lisas por meio do **Anti-Rolbos**, producto sem igual e muito contrafeito.

CUIDADO COM AS CONTRAFAÇÕES

Para ser bella e encantar todos os olhos deve-se servir da Fleur de Pêche pó de arroz feito com frutos exóticos.

POUCOS CABELLOS
Fazem-se crescer e cercados empregando-se *l'Extrait Capillaire des Benedictins du Mont-Marella*, que também impede que caíam e que fiquem brancos.

E. SENET, Administrador, 35, Rue du 4-Septembre, Paris.

NÃO ARRANQUEM MAIS
os dentes estragados e caíam empregando-os com *l'Elixir dentifrice des Benedictins du Mont-Marella*.

E. SENET, Administrador, 35, Rue du 4-Septembre, Paris.

Racahout
DELANGRENIER

Alimento Completo
agradavel, leve e facilmente assimilavel

O verdadeiro RACAHOUT dos ARABES Delangrenier é o

Melhor alimento das Crianças
desde a idade de 7 a 8 mezes, e principalmente no periodo do desmamar.

Também é recommendado as mães quando dão de mamar, aos convalescentes, aos anemicos, aos velhos; em resumo, todos os que precisam de fortificantes.

Exigir a marca verdadeira
DELANGRENIER-PARIS

É encontrado em todas as PHARMACIAS

VINHO DE CHASSAING
BI-DIGESTIVO
Recetado ha 30 annos
CONTRA AS AFFECÇÕES DAS VIAS DIGESTIVAS
Paris, Avenue Victoria n.º 8.



A "PHOSPHATINA FALIÈRES" é o mais saboroso e o mais recommendado alimento para crianças desde a idade de 6 a 7 mezes, principalmente quando começam a ser desmamadas e no periodo de crescimento. Facilita a dentição e concorre para a formação dos ossos.

PARIZ, AVENUE VICTORIA N.º 6 E NAS PHARMACIAS

PRISAÓ DE VENTRE
A curativa e o verdadeiro
Pó Laxativo de Vichy
do O. SOULIGOUX
Laxante certo, agradável ao paladar, fácil de usar
O vidro de cerca de 25 doses 1/2 fr. 1/10
PARIZ, AVENUE VICTORIA, N.º 6, RAS D'ORLÈANS

Perfumaria extrafina

L.T. PIVER
PARIS

Corylopsis do Japão
SABÃO — ESSENCIA — PÓ DE ARROZ — OLEO
LOÇÃO VEGETAL — BRILHANTINA — COSMETICOS

Evitar as Imitações e Falsificações

O Trêfle incarnat
L. T. PIVER
Parfums de Moda

Violettes de Parme
SABÃO — ESSENCIA — PÓ DE ARROZ
LOÇÃO VEGETAL — BRILHANTINA — COSMETICOS

Leite de Iris L. T. Piver
PARA A JUVENILIDADE e BELLEZA DO ROSTO
A melhor e mais hygienica de todas as preparações para o toucador

Dentifricios Mao-Tcha
PÓ — PASTA e ELIXIR

HOUBIGANT
PERFUMISTA
da RAINHA d'INGLATERRA e da CORTE da RUSSIA
PARIS

AGUA HOUBIGANT
SEM RIVAL PARA O TOUCADOR

AGUA de TOUCADOR Royal Houbigant.
AGUA de COLONIA Inocencia Russe.

EXTRACTOS PARA LENÇOS: Violette Idéale, Royal Houbigant, Peau d'Espagne, Moskari, Iris blanc, Le Parfum Impérial, Musk, Muguet, Heiligt Reine, Impérial Russe, Lilas blanc, Heliotrope blanc, Fougere Royale, Gloriosa, Jasmin d'Espagne, Clair de Russie, Giroflée, Corymbis, Bouton d'Or, Sauris, Idoce.

SABONETES: Ophelia, Peau d'Espagne, Violette idéale, Fougere Royale, Lait de Thiridre, Royal Houbigant.

PÓS OPHELIA, Talisman de Belleza.
PÓS PEAU D'ESPAGNE.
LOÇÃO VEGETAL, para os Cabellos.
PÓS ROYAL HOUBIGANT.

PERFUMARIA ESPECIAL MOSKARI

Reflexões

A medida que nos tornamos sabios, escapamos a alguns de nossos destinos instinctivos.

Ha em todo ser um certo desejo de sabedoria que poderia transformar em consciencia a maior parte dos acasos da vida. E o que foi transformado em consciencia ja não pertence as potencias inimigas. Um soffrimento que vossa alma transformou em doçura, em indulgencia ou em sorrisos pacientes, e um soffrimento que não voltará mais sem ornatos espirituaes; e uma falta e um defeito que encarastes de frente e uma falta e um defeito que não vos podem mais prejudicar, que não podem mais prejudicar aos outros.

der em presença de uma alma que a venceu mais de uma vez e o sabio que passa interrompe mil dramas.

☆

Nunca nos esqueçamos de que tudo quanto nos acontece e da mesma natureza que nós.

Toda a ventura que se apresenta, se apresenta a nossa alma sob a forma de nossos pensamentos habituaes e nenhuma occasião heroica se offereceu jamais a aquelle que não era um heroe silencioso e obscuro desde um grande numero de annos.

Sulhi a montanha ou descei para a aldeia, ide ao fim do mundo ou passaei em volta da casa, só a vos mesmos encontrareis sobre os cantinhos do accaso.



EM APERTO POR DINHEIRO. (Segundo o quadro de Hermann Kaulbach)

Existem relações incessantes entre o instincto e o destino, elles se sustentam um ao outro e rodam de mãos dadas em volta da casa do desatento. Mas todo ser que sabe diminuir em si a força cega do instincto, diminue em torno de si a força do destino. Parece que elle crea uma especie de lugar de asylo, inviolavel na proporção de sua sabedoria e aquelles que passam por accaso na zona allumiada de sua consciencia adi-vida nada tem a temer do accaso, enquanto se demoram nesta zona.

Collocar Socrates e Jesus Christo no meio dos Atridas e a Orestia não se dara enquanto elles estiverem no palacio de Agameion; e se elles se tivessem sentado a entrada da morada de Jocaste, Othello não teria pensado em se virar os olhos.

Ha desgraças que a fatalidade não ousa emprehen-

Se Judas sabe esta tarde, ira para Judas e tem occasião de trahir; mas se Socrates abre a porta, encontrará Socrates adormecido no umbil e terá occasião de ser sabio.

Nossas aventuras vagam em torno de nós como abelhas em torno do cortiço. Esperam que a ideia mãe acabe de sair de nossa alma; e quando sabio, se agglomeram em redor della. Menti e as mentiras correm ao vosso encontro; amae e o cacho das aventuras estremece de amor. Parece que tudo so espera um signal interior e se nossa alma torna-se mais sabia para a tarde, a desgraça postada por ella de manhã torna-se mais sabia tambem.

MAEL REINCK.

A mulher e o leão

APOLOGO KARYLA

Uma mulher fora violentamente raptada pelos inimigos. A meio caminho com gím fugir-lhes e encontrou um leão que a reconduziu, sobre o dorso, ate a aldeia.

Os compatriotas da mulher manifestaram grande regozijo com o seu regresso e perguntaram-lhe que a tinha reconduzido.

— Um leão — respondeu ella; — foi bondoso comigo, mas tem um bafo nauseabundo.

O leão que estava agachado perto della, ouviu estas dizenas e foi se embora.

Passadas algumas noites, a mulher, indo a floresta, encontrou-se com um leão que lhe disse:

— Pega n'um pão e bate-me.

— Não te bato — disse ella — porque houve um tempo que me preston um serviço e não sei se foste tu ou outro.

— Fiti em.

— Nesse caso não posso bater-te.

— Bate-me com um pão, senão de-vor-te.

Então ella pegou um pão, bateu-lhe e fê-lo.

— O leão disse:

— Agora podes retirar-te.

Logo os tres mezes depois disto, encontraram novamente o leão e a mulher. E o leão disse-lhe:

— Ves o sitio em que me feiste? Esta cidade não:

— Esta cidade — respondeu a mulher.

— O pello tornou a nascer?

— Tornou, sim.

— Uma ferida cura se, o mal curia ente — disse então o leão — mas não o mal que faz uma injuria. Prezo o golpe de uma espada aos aggravos da lingua duma mulher.

E dito isto, levou-a e devorou-a.

Ultima pagina

I

Quantas chiméras, flor, e quantos sonhos não chegaram contigo! Ao nosso ninho os ideaes tristonhos vinham pedir nos cantinhos abrigos, que as grandes illusões fogem moléculas dos peitos onde existem vacatizes, para buscar as almas amorosas e os corações felizes!

E o nosso amor fiavelmente era um raio de luz, brilhante intenso, que entrava em nossos peitos docemente, e illuminava-os de um prazer immenso. E eu receitava minhas canções singellas, repassadas de amor e de ternura; e tu me ouvias, carinhosa e pura, cobertas de rufos as faces bellas!

Oh! que doce viver! que patuás de castas alegrias sempre cheio! Dava-lhe um mago encanto o len sorriso, perfumava-o o aroma do teu seio. E, si alguma tristeza passageira vinha nublal o céu de minha vida, vendo-te a mim chegares leiticeira, fugia esquivada!

II

Hoje o painel ridente transmudou-se num triste quadro de sombrias cores: — Não sinto o teu olhar sereno e doce, e a primavera ja não tem mais flores... Toldaram-se-me os céus azues, tristonhos, das minhas illusões unico abriço!

Quantas chiméras, flor, e quantos sonhos hi se foram contigo!

Porto Alegre — 0.

RUBEN FALCÃO

Mosaico

— Nhonhô entra na sala onde estão reunidas varias visitas.

O pai olhando-lhe para as mãos: — Mas o que estvestes tu fazendo para teres as mãos de tal maneira sujas de areia?!

Nhonhô innocente! — Estive fazendo festas no rosto de mamãe!

Ouvido na bolsa:

— Então, que peisa voce de Stralão, sob o ponto de vista da probidade?

— Hum!... O que voce me pergunta é difficil de responder... O que lhe posso dizer é que uma vez coincidei para jantar e que a noite não faltava um unico garfo.

Album moderno:

— Do homem para a mulher, talvez não haja coisa alguma de perfeitamente verdadeiro e sincero alfor dos sentimentos que a palavra não exprime. — E. G. Goussier.

Canções sem metro

PROBLEMA

Ha quasi um seculo, dizia o velho anacleteta, vejo a scena invariavel do mundo. Todos os dias, o oriente produz os mesmos astros, e o occidente, inimigo da luz, os supprime. Morrem a tarde as flores, filhas da manhã, e os sonhos, filhas da noite, ao romper do dia! Recomeçar! recomeçar!

Ouvi outro rora o pranto dos homens, ouvi as alegrias rumorosas.

A cada esquife corresponde um berço. Depois do morto o heideiro. Da mesma terra que as lagrimas regam, nascem sorrindo as rosas. . .

Um vão procuro o centro deste mysterioso gyro.

*

... Estas vendo, ao longe, aquella planicie verdejante, e, alem, as lavradas e o lavrador que regue, calcando a relha do arado? Esse homem trabalha e canta: ouço-lhe daqui a toada melancolica, desde o nascer do sol ate a noite.

Devera adiar a terra, que lhe bebe o suor e que resiste a relha; entretanto, elle me disse uma vez: «Agradeçamos a terra; a terra que da o trigo e a sepillina».

E vive contente.

Eu bem quizera comprehender como elle ama este monstro, que nos alimenta e nos devora.

*

SOLUÇÃO

Para e retrocede, insensato!

Eu venho da grande viagem.

Desce ao fundo dos problemas; visitei com o verme, as entranhas da terra; com o vendaval, os desertos; com o leão, os antros; com a agua, as regiões da tormenta; com os espectros, o coração da noite; com as estrellas, o infinito; com as sombras, o nebuloso passado. . .

Deu-me luz o sol; deu-me vigor o penhasco; deu-me anguagem, o trovão; deu-me energia, o raio; deu-me azas o cyclone; deu-me arrojio o mar!

Estudei, indaguei, ascultei, interpelei, invoquei, observei, apostrophei, lutei da apostrophe a maldição, da maldição a blasphemia! Auruspice sacrilego, abri o ventre aos deuses! Sondei, sondei, sondei! Desafiei o genio negro das metamorphoses; provoqueei as vertigens do abyssmo!

*

E o genio negro respondeu-me

«Nunca!»

E eu li no abyssmo:

«— Nunca!»

RAUEL POMPEIA

O que preoccupa os vivos e os conserva sempre sem folego e a necessidade de assegurar a existencia. Mas leito isso, ninguém sabe mais o que tem a fazer.

Igualmente o segundo esforço do homem é alliviar o peso da vida, tornal-a insensivel, *matar o tempo*, isto é, escapar ao aborrecimento. Nós os vemos, uma vez livres de toda a miseria material e moral, uma vez que descarregam os seus hombros de qualquer outro fardo, tornarem-se uma carga para elles mesmos e considerarem, como um ganho, toda hora que conseguiram passar, bem que no laudo essa hora seja destacada desta existencia, que elles se esforçam de prolongar com tanto zelo.

O aborrecimento não é um mal a desdenhar: que desespero elle acaba por desearhar no rosto! Faz com que os homens que se amam tão pouco entre si, se procurem entretanto tão loucamente.

Este desespero é a fonte do instincto social. O estado o considera como uma calamidade publica e por prudencia toma medidas para o combater. Este flagello, não menos que seu extremo opposto, a fome, pode im-

pellir os homens a todos os trasbordamentos: é preciso ao povo *panem et circenses*.

O tude systema penitenciario de Philadelphia, fundado sobre a solidão e a inacção, faz do aborrecimento um instrumento de supplicio tão terrivel, que, para escapar a elle, mais de um condemnado recorreu ao suicidio.

Se a miseria é o aguilhão perpetuo para o povo, o aborrecimento o é para as pessoas de sociedade.

Na vida civil o domingo representa o aborrecimento, e os seis dias da semana a miseria.

SCHOPENHAUER.

Mesmo argumento

Um dia sorprende-te descuidada
Fitando meigamente o meu rival;
Do teu olhar a brasa apaixonada
Na minha alma accendeo fogo infernal.

Tu me disseste então, quando te arguia:
— «Outro amor em meu peito não temais;
Foi tal paixão da duração de um dia:
Um encontro de olhares: nada mais.»

De amor a offensa quer vingança louca
E em vingar-me busquei modo cabal
Colhendo de Elia na formosa boca
Um infinito beijo virginal.

Porém não creias, cara Violante
Que meu peito fiel te dê rivaes;
Esse beijo foi fogo de um instante:
Um encontro de labios: nada mais.

Niteroy: 1899

A. AZAMOR.



UM PASSEIO A CAVALLA, PERIGOSO. Segundo o quadro de C. von Tengen.

Resposta cruel

Vários conspiradores foram condemnados á forca. O poeta Relbief foi o primeiro que subiu a medonha escada o carrasco passou-lhe a corda no pescoço e saltou-lhe sobre os hombros, conforme o uso, para lançar-o no espaço, porém a corda, muito fraca, partio-se, e paciente e coraoso tomou de ventas ao chão.

— Nada se sabe fazer na Russia, disse o poeta levantando-se, nem mesmo torcer uma corda.

Como os accidentes desse genero tem por consequencia ordinaria o perdao, mandaram ao julgado saber o que determinava o czar.

— O que disse elle? perguntou Nicolio I.

— Que na Russia nem mesmo uma corda se sabe fazer.

— Esta bom! responde o autor rari, provem-lhe o contrario.

Pensamentos

O orgulho é uma vaidade que não nos deixa commetter baixezas

Quem não tem caracter não é um homem: é uma coisa.

Se os gatos tivessem azas, nem mais um passarinho restaria no mundo. Se todos pudessem obter o que desejam, não restariam mais bens a desejar-se.

A experiencia é como a estrella polar: só guia o homem a noite.

As altas posições são como os cumos dos truchados: só as alcançam as aguias e os reptis.

O mérito dos que louvam, é o preço dos louvores.

CHRONIQUETA

10 de Abril de 1899.

O presidente da Republica voltou são e salvo da sua vertiginosa viagem a Minas, viagem que fez lembrar as antigas excursões imperiaes, desespero dos reporteres e das committivas, e dos motivos ficção, ao que parece, sepultados no mais impenetravel mysterio, o que alias não impede que muita gente, com ares de entendida, os aponte por abia credulidade dos paevios.

N'um discurso famoso, pronunciado em Ouro Preto, o chefe do Estado fez a apologia de Danton, que — verdade, verdade — entrou na rhetorica presidencial como Pilatos no Credo. Isso deu lugar a que o primeiro jornalista brasileiro, conspurcado a sympathia do Dr. Campos Salles pelo glorioso convencional, fizesse da Revolução Franceza uma apreciação que sem tudo menos republicana.

Desgostou-me essa apreciação da penna de um escriptor que admiro e respeito, e em cujo peregrino espirito confiava para a boa orientação do povo brasileiro em materia de justiça republicana. O eminente jornalista inspirou-se nas idéas de Taine, que é um grande philosopho, mas — politicamente fallando — um escriptor injusto e doentio.

Ninguém pode ser sinceramente republicano sem venerar a memoria de Danton. É natural que, se o analysamos a um seculo de distancia, mitemben refestelados na nossa poltrona familiar, ao lado dos filhos e da esposa, sem nos reportarmos ás circumstancias da época e do meio, essa grande figura nos pareça sinistra e singumaria: entremos, porém no amago do Terror, e, de illação em illação, Danton surgirá aos nossos olhos como um anjo do bem universal. Um demonio se nos afigurava, todavia, se não formos republicanos, e o confundimos com Robespierre ou Marat.

Não nos mettamos, porém, nessas funduras historicas, ridiculas n'uma ligera chroniqueta, e lamentemos que o Dr. Francisco Pereira Passos deixasse a directoria da Estrada de Ferro Central do Brazil.

Durante a proveitosa administração desse illustre professional não houve naquella Estrada nenhuma encontro de trens, nenhum descarrilamento, nenhum

desastre, os trens partiam e chegaram a hora; as cargas não se accumulavam nos armazens; e os passageiros não se queixaram de nada; o commercio não fez nenhuma reclamação importante, — e toda a gente sabe o que era aquillo ante de para la entrar o director que sahi agora...

Sabiu porque? Porque era um funcionario de primeira ordem, um servidor indispensavel, um homem energico, activo e altivo, que tinha a consciencia nitida do seu merecimento, e considerava a força moral tão necessaria ao cargo que honrou como é necessario o carvão para as locomotivas que elle fazia partir e chegar a tempo e a horas.

Dois mortos, — Figueiredo Coimbra e Ferro Cardoso. O primeiro, jornalista de pulso, fino poeta, commedographo insigne, tinha apenas 33 annos, a idade em que o homem de letras começa a viver para ellas. O segundo era quasi um velho. Foi um sonhador, esquecido pela Republica brasileira que foi em parte obra sua, porque ninguém tem mais ardor do que elle servir a propaganda republicana, — o que não o impediu de ser um engenheiro notavel, que se distinguia por muitos trabalhos que honram a sua memoria

ELOY, O HERÓE.

THEATROS

10 de Abril de 1899.

O *Relatório de Coelho Netto*, representado pela companhia Ferreira de Souza no theatro Lucinda, é uma farça em 3 actos, tirada ao genero com que em Paris os Labiches, os Clarvillos, os Simaudins, etc. fizeram outrora a fortuna do Palais Royal.

Nesta peça o illustre escriptor não pretendem outra coisa senão fazer rir, e esse *desideratum*, que é difficilissimo, elle o conseguiu plenamente. Durante os tres actos não cessaram as gargalhadas do publico.

Coelho Netto, que nestião, com o *Relatório*, incontrastaveis ajudidos para o theatro, é um dos raros escriptores com quem ainda pode contar a nossa litteratura dramatica. Estamos certos de que elle alcançará com os seus dramas e as suas commedias os mesmos triumphos que tem alcançado com os seus romances e com as suas deliciosas fantasias litterarias.

Não o desalente o insuccesso do *Relatório*, o qual não provém directamente da peça, mas da crise terrivel que neste momento atravessa a industria theatral. Nenhum actor é capaz de atrahir neste momento o publico a uma platea, se não pedr o adjutorio dos scenographos, dos musicos, dos machimistas, dos alpinates e dos aderecistas. A verdade é triste de dizer, mas é a verdade. *Uma vez mais, não verita!*

A companhia dramatica do distincto actor S. aros de Medeiros representou ante-hontem, no Variedades, o *Ros Tibus*, de Victor Hugo.

Os artistas deram prova de boa vontade, e o publico tambem. O drama, trasladado do alexandrino hugoano para a prosa do lexicographo Eduardo de Faria, perde muito do seu encanto ultra-romantico.

Nesta época de *debich* theatral e para louvar o arrego e a intençaõ altamente artistica de Soares de Medeiros.

No Lucinda, a companhia Ferreira de Souza deu vida nova a um velho drama de León Lucotte, *Notes da Inha*, que fez outrora as delicias dos frequentadores do theatro S. Pedro.

A encenação e o desempenho dos papéis são acceitaveis. O publico applaudiu.

No Recreio continuam as representações da revista *Garçinha*, que decididamente cahiu nas boas graças do publico.

A companhia dramatica de Ismenia dos Santos, de pois de se estrear no Apollo com um dramalhão, P.

L. M. on a *prime da estrada de ferro*, passou-se para SãoAnna, onde esta preparando uma *respiue da la de Alenburton*. Depois, queixam-se do publico...

X. Y. Z

NOVIDADES MUSICAES

Recebemos e agradecemos as seguintes novidades musicaes:

Manoel Antonio Guimarães

O Juraco, valsa Extravagancia por Luiz Velho da Silva.

Divalda, valsa por Manoel F. de Castro Leal.

Distincto, schottisch por João D. L. Reis

E. Bevilacqua & C.

Assim e que é, polka-tango de F. Zosne.

The Ebert New Gold Crown

PARA AS RAIZES DOS DENTES

A superioridade d'essa já demonstrada pela perfeição do trabalho, justa adapção e grande admiração de todos que as tem examinado.

Para mais informações dirijam-se ao Consultorio do

Dr. A. R. Ebert

DENTISTA AMERICANO

Rua dos Ourives, 71 - 1 andar

ULTIMAS NOVIDADES MUSICAES

Grande estabelecimento de pianos e musicas

DE EFRTIN DE VASCONCELLOS, MORAND & C.

147, ua do Ouvidor, 147

- Alceste, polka de M. Pedroza..... 1\$000
- Cubana (10ª edição) polka de J.G Christo 1\$500
- Mercedes, 1ª edição, polka de A. Giannini 1\$000
- Santi ba, polka de J. G. Christo..... 1\$000
- Lois des yeux, mais près du coeur, habanera de J. M. Perdigo..... 1\$000
- Adamante, 6ª edição, valsa de M. Leroy 1\$500
- Diva 18ª edição, valsa de J. G. Christo 1\$300
- Mais deo uma ingratição, valsa de O. Lacerda..... 1\$500
- Bein sei que tu me desprezas successo colossal, valsa com letra de A. Keller... 1\$100
- Minha querida, successo) valsa de A. E. Costa..... 1\$500
- Devancio, valsa de A. Cavalcanti..... 1\$500
- Elegante, valsa de Aurelio Cavalcanti... 1\$500
- Nirvana, valsa de Oscar Carneiro..... 1\$500
- 1 riste como eu? (7ª ed.), valsa de Evozah F. Von pensar, valsa de Aurelio Cavalcanti Americano, pas de quatre de J. Reis ... 1\$500
- Garrula, schottich de O Lacerda..... 1\$500
- Grinalda de noiva, schottisch de Evorah Fo Plainte, mazurka de Anna M. de Freitas 1\$300
- Borboletas, quadrilha de E. Couto..... 1\$500

Remettem-se encomendas para o interior

147, RUA DO OUVIDOR, 147

MOLDES CORTADOS TAMANHO NATURAL

N. 4. — Capinha com serpentina 1\$000.

N. 10. — Palete mini justo 1\$000.

Pelo correio mais 300.

Reconstituinte geral do Systema nervoso. Neurasthenia.

NEUROSINE PRUNIER NEUROSINE GRANULADA

Debilidade geral, Anemia Phosphorica, Enxaquecas.

Deposito Geral CHASSAING & Co. Paris, 6, Avenue Victoria.

PERIGOS DE UMA LEVIANDADE

COMEDIA EM ACTO

ORIGINAL BRASILEIRO

DE

DR. CARLOS COSTA

PERSONAGENS

Arthur Barbosa, capitalista.....	30	anos
Dr. Cassiano de Albuquerque, medico.....	35	»
D. Leonor Barbosa, esposa de Arthur.....	28	»
Coronel Ramos, velho militar.....	60	»
Dr. Andrew, medico inglez.....	40	»
Paulo — criado.....		
João — perdido, cria da casa.....		

EPOCA — ANNO DE 1872

MODALDA DA SCENA — Saem elegantemente em cena de Arthur, Portas ao fundo e interiores. No primeiro plano a esquerda uma mesa sobre a qual deve haver um typographo, timbre, etc. — Juizos.

PERSONEAS

SCENA III

OS SENHORES E ALBUQUERQUE

ALBUQUERQUE — Minha senhora... (corpo de Leonor e de Coronel). O Sr. Coronel Ramos, meu velho amigo Albuquerque (comprimento) o ha de permitir...

LEONOR (comprimento) — Pois não, Sr. Doutor... (apresenta o Coronel). O Sr. Coronel Ramos, meu velho amigo Albuquerque (comprimento) o ha de permitir...

CORONEL (despedindo-se a sair) — Sem duvida... Deixo os em liberdade...

LEONOR — Não, não se va ainda... Paga-lhe que espere por Arthur... Ali no gabinete estara a gosto e achara com que contar o tempo...

ALBUQUERQUE — O Sr. Coronel sera bastante indulgente em desentranhar-me...

CORONEL — De todo o coração. (fa parte) Hei de ouvir tudo, isto me está cheirando a chammaço... (sai pela Iz.)

SCENA IIIII

ALBUQUERQUE, LEONOR e depois ARTHUR e CORONEL

ALBUQUERQUE (se distancia respectivo) — Minha senhora, vim pedir-lhe o meu socorro, a minha felicidade...

LEONOR (mostra-lhe uma cadeira e senta-se na outra) — Não o comprehendendo...

ALBUQUERQUE (tudo confundido, admirado) — Não me comprehende?! V. Ex. não recebeu minha carta?

LEONOR (admiração) — Que carta?

ALBUQUERQUE (atônito) — V. Ex. não lêe algumas linhas que lhe dirige (Coronel extrahia a carta e observa) e cuja resposta venho supplicar? E a paz, é a tranquillidade de minha vida que venho implorar (supplicante).

LEONOR — Mas senhor...

ALBUQUERQUE — A incerto a tem me feito viver segundos de angustia n'estes minutos de espera... (Arthur entra pelo fundo e para estatico). Diga-me, por piedade, o que escreveu a seu marido e falto, sim? (apelha-se).

LEONOR (fa parte) — Ah! comprehendendo tudo... (tira as cartas e dá-lhe). (Albuquerque quebra a carta e lê).

ARTHUR (molto) — Muito bem! (Albuquerque levanta-se, Leonor encara, Coronel molto). Era esta a hora da entrevista pedida... (a Albuquerque) Covarde!

ALBUQUERQUE — Arthur, não sejas injusio, antes de conheceres toda a verdade!

ARTHUR (admirado) — Pois não souberam procurar outro lugar mais proprio do que minha propria casa?

LEONOR (com energia) — Silencio e ouça...

ARTHUR — Sim, antes me dá a senhora a explicação d'esta carta... (mostra-lhe a carta e scripta por Albuquerque).

LEONOR (molto) — Minha carta, minha carta... (Arthur não permite). Coronel entra — movimento de lóas — Coronel toma rapidamente a carta das mãos de Arthur e lê).

CORONEL — Esta carta diz o seguinte: «Senhora... li a sua carta... sei que fiz mal... calcule portanto o que terá soffrido por sua causa... A senhora foi bastante cruel em fazer reflectir em mim a minha um sentimento que pilgo estinhuo nos casulos... Por piedade... dá-me um explicação... A's a horas estarei a vossos pés...»

LEONOR (aterrançada) — Eu não receti esta carta, o que...

CORONEL — Não comprehendendo com alguma; mas em todo o caso devo lembrar ao meu amigo Arthur que estou em sua casa desde antes de duas horas...

ALBUQUERQUE — E em dartei todas as explicações e o meu amigo Arthur, a quem continuo a considerar como tal, direi, antes de tudo, que soffremos a pena de Tallia...

ARTHUR — Falle, senhor...

ALBUQUERQUE — Chga a leitura da carta que tem esposa dirigiu-te, conforme a costume que por ti mesmo me foi communicando... (mostra a carta).

LEONOR — Me perdooem...

ARTHUR — Leia...

ALBUQUERQUE — O Sr. Coronel que se'o no mesmo juiz (João) decifra d'este modo toda esta churrada... (dá a carta ao Coronel)

CORONEL — Minha carta e a de Sr. Barbosa, ja ha muito tempo em andava descoberta a cerca do motivo de seu abandono; finalmente o acaso me trouxe a minha Providencia logo me sabebera (Leonor abraça os olhos e corria) — Albuquerque e Arthur abraça-se um para o outro de que o senhor sem pejo, e sem dignidade (Coronel volta para Leonor) pretendo requestrar a esposa de um homem a quem tem coragem de chamar amigo... esquecendo os prazeres domesticos, passa noites inteiras em casa de uma pessoa...

ARTHUR — Basta, basta... Albuquerque cria os braços rasoados. Leonor faz signa ao Coronel de não proseguir...

CORONEL — Já agora vamos ao fim... (fa parte) em casa de uma pessoa a quem tambem considere minha amiga. Escuso dizer-lhe que me refiro a Sr. D. Justina de Albuquerque...

LEONOR (no brinco) — O terrivel crime egipcio... (corre para o sofa e abriga em soluços. Arthur, Coronel e Albuquerque dirigem-se a ella).

ARTHUR — Esqueçamos tudo, Leonor... ALBUQUERQUE — Somos todos culpados.

CORONEL — Apoiado... foi uma lida muito severa, tanto para a senhora D. Leonor, como para os meus amigos... Para a senhora, porque, permitta que lhe diga, as questões domesticas devem ser muito intimas, e em seus excessos não devem fazer recahir as suas sobre innocentes e assim barateando a reputação alfeta, muitas vezes por meros caprichos ou antipathias infundadas. Para os senhores, porque imprudentes e trefectivamente não sabem dominar os impulsos de coações tão existos e que tão facilmente se julgam offendidos. A digna esposa do Sr. Dr. Albuquerque não merecia a injuria da Sr. D. Leonor e nem a pouca confiança do Sr. seu marido; o Sr. Arthur Barbosa não tinha direito de suspeitar de virtuosa filha do meu melhor amigo...

LEONOR (levantando-se, encara os olhos — abraça o Coronel) — Obrigada, meu amigo (a Arthur e Albuquerque) perdoem-me.

ARTHUR e Albuquerque cada um de lado beinão de mãos a mão de Leonor e depois abraçam-se.

CAHE O PANNO

O Egypto

Uma das obras mais grandiosas que se realisaram na segunda metade do seculo que está a findar, foi a construcção do canal de Suez, que liga o mar Mediterraneo com o mar Vermelho, estabelecendo um caminho muito mais curto da Europa para o Orientado que o do Cabo da Boa Esperança.

Diz a historia que este canal existiu em eras muito remotas, mas que por umas revoluções geologicas fechou, restabelecendo-se o istmo que ligava a Africa a Aravia. Os Pharaos da 19.ª dynastia, que dominaram no Egypto ha mais de 3 seculos, tentaram restabelecer o Suez e ahi se propoz a Sesostris. Darius estabeleceu a communicação do Nilo com o golfo d'Arsmo e não continuou a obra porque suppunha que a perforação do canal era perigosa para o paiz, por serem de nivel superior as aguas do Mar Vermelho.

Posteriormente houve varias tentativas para se abrir esta importante via de communicação, concebida tambem pelo grande Affonso d'Albuquerque, a qual se foi realisada por Fernand de Lesseps, o distincto engenheiro francez que fez o projecto e dirigiu superiormente a construcção.

Em 30 de novembro de 1854, um firman do sultão da Turquia concedeu ao engenheiro Lesseps o direito de organisar uma companhia para levar a effeito esta monumental obra, cortando o istmo de Suez. Os estudos principiaem em dezembro de 1855, os trabalhos de construcção em 1859 e demoraram-se até 1869, em que, com grande solemnidade, foi inaugurado o canal, que tem 31 leguas de comprimento e a largura variavel de 8 a 100 metros. Principia em Port-Saïd no Mediterraneo, passa por Feneh, attinge a extremidade sul do lago Menzaleh, contorna e atravessa o lago Ballah, chega ao lago Tissah, onde foi construida a pitoresca e bella cidade de Ismailia, prolonga-se pelos lagos amargos e desemboca perto da cidade de Suez, no Mar Vermelho. O governo inglez que tinha diligenciado obter a execucao do grandioso projecto de F. de Lesseps, adquiriu por interferencia do ministro Disrael, depois lord Beaconsfield, 177.000 ações da grande companhia do canal por 4.000.000 de libras esterlinas, tornando-se assim um dos maiores accionistas.

Por este facto ficaram donos do canal a França, a Inglaterra e o Egypto.

A importancia que a Inglaterra dá aos negocios do Egypto é principalmente devida a enorme necessidade que tem de possuir o canal para serviço de suas possessões no Oriente.

ESTADO DO REINO DA PATRIA

Em 1884, reinando no Egypto o khediva Ismail Pachá, deram-se diferentes orientações desagravadas entre as autoridades egypcias e os estrangeiros que habitavam o Cairo, Alexandria e outras cidades. Os representantes dos governos francez e inglez dirigiram reclamações ao governo khedival e por este lhes foi garantido que de futuro seriam teprimidos todos os excessos das autoridades locais, podendo os estrangeiros viver em boa paz e terem garantidos os seus negocios no paiz.

Não succedendo porém a isto e os governos estrangeiros vixamse forçados a nomear uma commissão de exame aos negocios financeiros do paiz para garantir

os seus interesses ameaçados com a má administração local. Esta commissão de que foi nomeado vice-presidente o inglez Sir Wilson, urfumo a aos governos europeus que a administração da fazenda egypcia era um calos e que as autoridades exerciam os maiores violentos nos estrangeiros, sendo indispensavel a França e a Inglaterra haquarem mão das finanças do paiz para evitar a bancarotta e garantir os capitães francezes e inglezes que estavam empregados no Egypto.

O khediva Ismail praticou um acto de força em presença da ameaça europea e demittiu os ministros francez e inglez da commissão internacional das finanças, insultando simultaneamente os dois paizes.

Reconhecendo, tanto a França como a Inglaterra, que era indispensavel a intervenção da força para levantar o insulto que lhe tinha sido dirigido; porem a Inglaterra conseguiu demover a França d'este proposito e conseguim a intervenção do sultão da Turquia, visto o Egypto ser um estado dependente da porta.

O sultão destronou Ismail e desterrou para Napoles, nomeando, khediva por direito de successão, Meahommed Teshik, filho mais velho d'Ismail.

O novo khediva não tinha as qualidades precisas para administrar convenientemente o paiz e appareceu aceitar de bom grado a intervenção estrangeira nos negocios nacionaes, implorou do sultão, seu suzerano, protecção contra os europeus, o que não conseguiu como desejava, vindo se forçado a submeter-se ao jugo estrangeiro.

Esta influencia europea nos negocios do paiz motivou uma reacção forte da parte do exercito e os nacionalistas tomaram sobre si o encargo de libertar o paiz da pressão estrangeira e escolheram Arabi para seu chefe. Prepararam a guerra santa e disseram: O Koran está em favor, urge salvar-lo.

O epilogo d'esta propaganda foi o massacre d'Alexandria em junho de 1882 e desde esse momento tornava-se inevitavel a intervenção armada das potencias europeas.

Uma medalha de Jesus

Não ha talvez assumpto sobre o qual tanto se discutisse, nos primeiros seculos da nossa era, como sobre a figura de Jesus. O unico documento autentico que a tal respeito temos se possim, os signaes dados pelo proconsul Lentulus, é d'un vago que recorda os signaes dos nossos passaportes, e a imaginação dos hois, em presença de informações tão summarias, poude tomar livre vião na reconstituição desta augusta physionomia.

Desde os primeiros tempos, dois campos se estromaram. Uns, com S. Cyrillo, queriam ver em Jesus «a mais feio dos filhos dos homens», julgando indigno attribuir-lhe, por instantes, que, para melhor convencer as almas, se adornasse das mais seduções da forma. O unico accedente da sua palavra e a pura belleza da sua doutrina eram as unicas armas que convinhão a um deus na missão de sacrificio que tinha accetado na terra.

Os outros, com S. João Damasceno, entendiam que a minha irradição da divindade teria impedido a fealdade de Jesus, e o figuravam de alta estatura, rosto nobre e acolhedor, illuminado por um olhar muito doce, emoldurado em longos cabelos amellados. «A barba era negra, tinha o rosto a cor do trigo, compridos os dedos, suave a palavra...»

E, de seculo a seculo, renovava-se esta disputa, desde o principio asperamente travada. Calaram-se os santos e os padres da Igreja, mas continuaram a sonhar com os freis, os artistas a procurar uma figura que correspondesse ao seu ideal pessoal d'un deus que, para salvar os homens, se fez homem. De Giotto a Rembrandt e a Velasquez, e d'estes aos nossos contemporaneos, que associaram a pessoa do Nazareno a scenas por vezes bem estranhas, os partidarios de S. Cyrillo e os de S. João Damasceno continuaram a representar Jesus em traços tão pouco concordantes quanto possivel, e a modelar-o cada qual a sua imagem.

Ora eis que, a distancia de mais de dezitt seculos, se nos offerece uma imagem nova do Christo. Esquadrihando em Roma, em casa d'um ariado do Campo dei Fiori, descobriu recentemente o jornalista francez Boyer d'Agén, n'um lote de velhas medalhas, um antigo retrato de Jesus que pouco pela modesta quantia de alguns reales. Cre este nobre collega estar na posse d'uma peça hebraica que remonta a primitiva igreja.

Ve-se nella Jesus, — porque é bem de Jesus que se trata, pois figura o seu nome em caracteres hebraicos, — e vê-se Jesus de perfil voltado para a direita e a cabeça inclinada para diante. Os traços, uns a mim, correspondem aos seguintes signaes: fronte ariosa, alta, nariz moderadamente curvado e comprido, levemente aguçado na extremidade, barba em ponta, naturalmente frisada, cabellos amellados e longos. No conjunto, uma semblança nobre e incorrecto, mas d'uma sedução rara.

O Sr. Boyer d'Agén trouxe o seu achado para Paris e mostrou-o a varios numismatas que, uma vez, lhe reconheceram um cunho, senão de authenticidade, o que seria um pouco ouzalo, pelo menos da maior antiguidade. Encontram-nos elle um caracter artistico muito acenado, e admiraram o bello typo classico da legenda hebraica do reverso, que foi assim traduzida: «O Messias, o Rei, vna paz pela; e a luz dos homens, encarnado, viva.»

Apresentada a uma serie de amadores, foi a medalha muito apreciada e considerada de um gosto tão puro, que os ouvires fallize solicitarum logo a honra de a reproduzir. E do que se está tratando. A reprodução será em prata e em bronze, e com toda a nobreza e encanto do typo original.

A lenda do monte

Aquella casa isolada,
Lá, bem no cimo do monte,
Não ha pastor que não conte,
Passa por ser assombrada
Aquella casa isolada...

Dizem que, ha seculo e meio,
Ou mais ainda, talvez,
Certa a conta ninguem fez,
Pois, a gente tem receio...
Dizem que, ha seculo e meio,

Um nobre e rico senhor,
Fidalgo d'alta luhagem,
Seguido de um loto pagem,
Grande na lama e valor,
Um nobre e rico senhor

No monte ao pagem dizia:
— Acaba, emfim, minha dor,
Vou-me a vér o meu amor,
Espera-me aqui um dia,
No monte ao pagem dizia:

— Quero vér, o flor da serra,
Se cumpriste meu desejo:
Ha dez annos não te vejo
Que el-rei me mandou à guerra,
Quero vér o flor da serra,

Minha flor, bella Adosinda,
Se te lembras de Almansor,
Se o teu seio o mesmo ardor,
Por teu noivo guarda ainda,
Minha flor, bella Adosinda!

Mudou seu trage de gala
Pelas vestes de um vaqueiro,
E foi so, sem companheiro,
A noiva chamar a falla:
Mudou seu trage de gala,

Deixou o pagem sosinho,
Tomou ruído do castello,
Que sobre o rio é tão bello,
E seguindo seu caminho,
Deixou o pagem sosinho...

Passado o dia marcado,
Afflicto o pagem chorava,
Mas, Almansor não voltava
De junto do bem amado,
Passado o dia marcado,

Um dia segue outro dia,
Correu mais d'uma semana,
E o pagem se desenganava,
Pois, sempre, em triste agonia,
Um dia segue outro dia!

Ao cabo de um anno o pagem,
Sempre firme no seu posto,
Banhado de pranto o rosto,
Dobrando a sua coragem
Ao cabo de um anno o pagem,

Dizia, cheio de dor:
— Embora não voltes nunca,
Da dor preso à garrá adunca,
Hei de esperar-te, Almansor!
cheio de dor:

— Almansor, o Almansor,
Que te fez a tua bella?
Tem pena da louca Estella,
Que por ti morre de amor,
Almansor, o Almansor!

Nem suspeitaste siquer,
Descuidado cavalheiro,
Que o pagem, teu companheiro,
Talvez que fosse mulhier,
Nem suspeitaste sequer...

Estella não conhecias,
E não te queimou a chama
D'esta paixão que me inflama
O peito nas serranas!
Estella não conhecia...

Agora que és, talvez, morto,
Aos pés da minha rival,
Quero chorar, por meu mal,
N'este monte, sem conforto,
Agora que és, talvez, morto,

O crime de ter deixado,
Longe, a casa de meus paes,
Lobres velhos, que meus ais
Podem já ter acabado!...
O crime de ter deixado

Tudo, tudo, quanto amava,
Sem te dizer, Almansor,
Que por ti, louco de amor,
O meu coração deixava!
Tudo, tudo, quanto amava!

Ai, que castigo tremendo!
Até Deus de mim se esconde!
Nenhuma voz me responde,
Vivo no monte soffrendo
Ai, que castigo tremendo!

Chora, chora, louca Estella,
O teu duro e triste fado,
E, neste ermo abandonado,
Ergue a Deus uma capella,
Chora, chora, louca Estella!...

Passados annos se via
Aquella casa isolada,
Sempre de branco cañada,
Portas abertas, vazia,
Passados annos se via...

Contam, então, os pastores,
— Almas singelas e passivas—,
Que à noite vem dois phantasmas
Chorar ali seus amores!...
Contam, então, os pastores,

Que um, vestido de vaqueiro,
Outro de pagem trajado,
N'aquelle monte encantado
Abrem n'um grande berreiro!...
Que um vestido de vaqueiro

Exclama só: — Adosinda,
Ten esquecimento frio
Lançou-me morto no rio,
E, morto, eu te amo ainda!...
Exclama só: Adosinda!...

— Nesta agreste penedia,
Responde o pagem com dor,
Almansor, o Almansor,
Firme te espero um dia
Nesta agreste penedia!...

Aquella casa isolada
Recolhe, então, os phantasmas,
E com larvas de miasmas,
Fica toda illuminada
Aquella casa isolada!

Não sei, nem quero saber
Se esta historia é verdadeira:
Ouvi-a d'esta maneira,
E se alguém tem que dizer,
Não sei, nem quero saber...

João Mendonça.

Pelotas — 1899

Ser sabio

Ser sabio não é somente adorar a razão, e não é somente ter habituado esta razão a triumphar sem trabalho do instincto inferior. Seriam triumphos muito esteios, e não cussemos a razão uma submissão maior a um instincto de um outro genero que é o instincto d'alma. Estes triumphos quotidianos não devem ser procurados senão porque permitem a um instincto cada vez mais divino se manifestar cada vez mais livremente. Seus fins não estão nelles mesmos. Elles não sevem senão para desembaraçar o caminho do destino de nossa alma que é sempre um destino de purificação e de luz.

✽

A razão abre a porta a sabedoria, mas a sabedoria a mais viva não se encontra na razão. A razão fecha a porta aos destinos maus, mas é nessa sabedoria que alme no horizonte nua outra porta aos destinos propícios. A razão se cohibe, interdiz, teceia, elimina, destroe; a sabedoria ataca, ordena, avança, ajunta, augmenta e crea. A sabedoria é mais um certo appetite de nossa alma do que um producto de nossa razão. Ella vive acima da razão; tambem o proprio da verdadeira sabedoria é fazer mil coisas que a razão não approva ou so approva com o tempo. E' assim que a sabedoria disse um dia à razão que era preciso pagar o mal com o bem e amar a seus inimigos. A razão, orgulhando-se neste dia sobre o que ha de mais alto em seu imperio, acabou por admitir este principio. Mas a sabedoria ainda não está satisfeita e sosinha procura mais adiante.

✽

Se a sabedoria não obedecesse senão à razão e se bastasse que ella triumphasse exactamente dos conselhos do instincto, seria sempre igual a si mesma. Não haveria senão uma unica sabedoria e o homem já a conheceria inteiramente, porque a razão já fez mais de uma vez o gyro de seu dominio.

Ora, se ha diversos pontos fixos na sabedoria, nada é entantão mais diferente do que a atmosphera que a envolve em Socrates e em Jesus Christo, em Aristides e em Marco Aurelio, em Fenelon e em João Paulo. Nada se transformaria mais completamente que um acontecimento igual que cahisse no mesmo dia nas aguas vivas da sabedoria destes homens, ao passo que se cahissem na agua estagnante de sua razão lá ficaria exactamente semelhante ao que é em si.

Imaginae que Jesus Christo e Socrates encontram a mulhier adultera; sua razão lhes dirá mais ou menos as mesmas coisas, mas de sua sabedoria, além de suas palavras, além de seus pensamentos, terá movimentos que não pertencem aos mesmos mundos. E' a vida mesma da sabedoria que quer estas differenças. Os sabios partem todos do mesmo ponto que é o solio da razão. Mas começam a se afastar uns dos outros a contar do momento em que os triumphos da razão não hesitam mais; isto é, a contar do momento em que penetram livremente na região da inconsciencia superior.

M.

COLLETES

DE

Mme. Camille Dupeyrat

113 RUA DO OUVIDOR 113

RIO DE JANEIRO

Os colletes privilegiados de Mme. Camille Dupeyrat são os unicos proprios para a moda actual, offerecem sobre os demais colletes as vantagens seguintes:

Alonga e adelgaça o talhe, augmenta os seios e pessoas pouco favorecidas; faz desaparecer a barriga, deixando porém, os quadris e a CAIXA THORACICA completamente livres, o que permite aporter impunemente, tendo mais a grande vantagem de ser excessivamente leve e não ter barbatanas do lado que difficilite os movimentos, e recomenda-se, sobretudo, pela sua grande duracao, seu precizar de concertos, conservando a primitiva forma até o completo uso.

Para dar uma idéa da sua superioridade, basta dizer que entre todos os fabricantes de colletes que concorreram a grande exposiçao de Chicago, foi a caso de Mme. Camille Dupeyrat que obteve a UNICA e a mais ALTA RECOMPENSA o que unta honra a industria nacional.

DEPOSITO EM S. PAULO: Em casa de Mme. A. PEJIAL

38 Rua Direita 38